

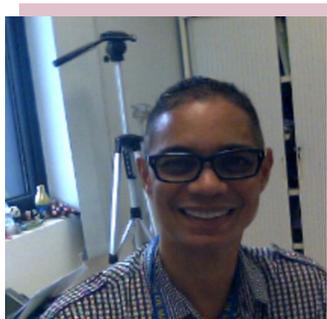


ENTREVISTA

com

ROBERVAL TEIXEIRA E SILVA

Por Xiang ZHANG¹



Roberval TEIXEIRA E SILVA é professor e pesquisador do Departamento de Português da Universidade de Macau. Seus interesses de pesquisa assentam-se na abordagem sociointeracional do discurso. Tem se dedicado a estudos identitários, a



projetos que envolvem a difusão do Português no mundo, a investigações dos contextos de multilinguismo e mobilidade das comunidades diaspóricas chinesa e brasileira e a discussões sobre processos etnográficos e metodológicos nas interações em sala de aula.

1 Doutor em Letras (Filologia e Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (USP) e professor assistente da Faculdade de Línguas e Tradução da Universidade Politécnica de Macau, China. Endereço eletrônico: <zhangxiang@mpu.edu.mo>, <<https://orcid.org/0000-0001-8576-7283>>.



Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Xiang Zhang)

O professor poderia nos dizer da sua formação acadêmica e do percurso profissional nos estudos de língua/linguagem, nas últimas três décadas?

Prof. Dr. Roberval Teixeira e Silva

Olá, fico muito honrado com o convite para partilhar um pouco da minha história, um pouco do meu trabalho. Esse espaço da revista abre mais um ambiente de convivência e de pluralidade de vozes.

Eu gosto de pensar que o meu percurso acadêmico foi orientado para o estudo de comunidades desconfortáveis socialmente. Nesse sentido, encontrei um lugar teórico dinâmico e aberto na linguística aplicada (entendida como um conjunto de reflexões sobre a língua e como prática sociocultural para discutir diferentes contextos) e especialmente na Sociolinguística Interacional. Fiz o mestrado e o doutorado (além da experiência de pós-doutorado) nessa área transdisciplinar de investigações.

Falando do meu percurso de vida e acadêmico, eu tenho uma história no Brasil, que está ligada ao trabalho com sujeitos e grupos com diferentes *backgrounds*. Eu costumo dizer que as minhas escolhas de pesquisa têm relação direta com comunidades que, de alguma maneira, se encontram desconfortáveis socialmente, altamente desconfortáveis socialmente. Na verdade, vivem barreiras e constrangimentos sociais imensos. Essas barreiras e esses desconfortos, muitos deles, eu também vivi, ou na pele, ou por me solidarizar com esses grupos. Então, vou contar um pouquinho a minha história de trabalho e formação, começando com o pós-doutorado. Eu trabalhei bastante com crianças chinesas imigrantes no Brasil. Elas vivem um processo de mobilidade da China para o Brasil e,



quando chegam lá, experimentam uma imobilidade social e linguística que é impressionante. É uma realidade que precisa de ser discutida, mostrada, porque não é incomum que as crianças não tenham muita voz. Esse é um desconforto de uma comunidade que, fora de questões educacionais, recebem muito menos atenção, tanto na sociedade, quanto na pesquisa de diferentes áreas. No caso do meu doutoramento, por exemplo, trabalhei com uma comunidade surda que tem de lutar muito para terem seus direitos políticos e linguísticos prestigiados, no campo social e no campo político. Isso tem relação especialmente com o direito de ter acesso tanto à língua portuguesa, que para a extrema maioria dos surdos é uma segunda língua, quanto o direito de viver e criar a sua própria língua, a LIBRAS. Vemos que este é um contexto que vem ganhando muito espaço nos estudos acadêmicos, mas que ainda não atingiu o nível social de conscientização. É outra comunidade que vive um processo de apagamento, portanto, um grande desconforto. Já no mestrado, trabalhei com outra comunidade, cuja luta está muito visível agora, e, portanto, está menos alijada da vida social e política, que é a comunidade é LGBTQIA+. E dentro da diversidade dessa comunidade, estudei a construção de identidades de uma jovem travesti.

Estes estudos todos criam para mim um percurso de vida e de estudos que se confundem no que me tenho continuamente tornado: um professor sociolinguista sensibilizado pelo mundo social.

São esses desconfortos que me motivam a voltar os meus estudos e trabalhos para essa natureza de investigações. Como acho que sou romântico, ainda tento achar que é possível tornar o mundo um pouco mais humano.



Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Xiang Zhang)

Há uma área em especial que o professor destacaria na sua formação?

Prof. Dr. Roberval Teixeira e Silva

Não uma área, porque considero que estou em uma posição transdisciplinar. Mas um dos meus mais regulares pilares, que é o ensino, começou a ser construído quando, ainda na graduação, eu trabalhava em escolas periféricas no Rio de Janeiro. São escolas periféricas no sentido do desconforto que vive a comunidade escolar; é um desconforto provocado por carências materiais, humanas, sociais, políticas. Essas escolas criam espaços geográficos de isolamento em relação ao entorno. Algumas estão alocadas no centro do Rio de Janeiro ou na Zona Sul, a área mais rica da cidade, mas formam um mundo à parte e também apagado, ignorado. Foi com essa experiência que eu aprendi muito diretamente sobre as nossas diferentes realidades e, com elas, tentei explorar a minha potencialidade e a potencialidade das pessoas, das crianças. E foi assim, acredito, que eu aprendi um pouco mais esse ofício de estar em sala de aula. Esses meninos foram me formando como professor e como sociolinguista interacional. Mas, especialmente, como um ser humano com uma profunda sensibilidade em relação aos espaços sociais que estão à minha volta.

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Xiang Zhang)

Por qual motivo decidiu vir trabalhar em Macau, nomeadamente, no Departamento de Português da Universidade de Macau? Como tem sido essa experiência até agora?



Prof. Dr. Roberval Teixeira e Silva

O meu deslocamento para Macau foi fruto de uma curiosidade desinteressada. Recebi um e-mail no qual indicava a necessidade de professores de português no território. Então, escrevi para ter mais informações. O fato é que me escreveram de volta depois de um mês e construímos um diálogo amigável, trocamos ideias, tanto por escrito, quanto por telefone, enviei o CV e, assim, convidaram-me para colaborar com o Departamento de Português. Fui o primeiro brasileiro a atuar como professor de português numa instituição da região. No fim de todo esse processo, apenas quando cheguei a Macau, descobri que se tratava de um concurso. Seja como for, nesse processo, interessei-me muito pela cidade desde o Brasil e, sobretudo por causa da delicadeza e cuidado dos estudantes chineses, decidi eleger essa terra asiática como inspiradora para a minha vida, da qual fazem parte as minhas pesquisas acadêmicas.

A minha aventura na Ásia ratificou todo o processo e formação social e acadêmica que tive no Brasil. Há um fato específico em relação à língua portuguesa na Ásia. O português é uma língua estrangeira para a maioria dos chineses das cidades do interior da China ou da cidade de Macau. E, como sabemos, e tenho publicado sobre isso há algum tempo, existe uma série de disputas, conflitos, especialmente em contexto institucionais de Macau e de outras cidades da China em relação a diferentes variedades de Português. Este é outro ponto que coloca (ou pode colocar) comunidades em situação de desconforto. Portanto, eu tenho tentado partilhar a ideia de, por um lado, uma língua portuguesa que é de todos, e, por outro lado, a ideia de que há muitas línguas portuguesas. Há um multilinguismo em língua portuguesa. Claro que essa ideia não é nova. É uma ideia que já circula, mas, infelizmente, isso não aparece de forma concreta, por exem-



plo, nas práticas de sala de aula ou nas políticas linguísticas. Dessa forma, vamos tentando criar espaços de interação, de discussão sobre essas desigualdades sociais que a defesa de uma variedade como superior a outras provoca. Assim, eu tenho trabalhado muito com o conceito de cidadania linguística. Os estudos discursivos da linguagem, e não apenas da língua, mas da linguagem, são ferramentas poderosas para tentar tornar o mundo menos discriminatório e promover cidadãos preparados para lidar com o diferente. Esse é um dos maiores desafios dessa nossa vida contemporânea, que coloca sempre tantas diversidades à nossa frente.

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Xiang Zhang)

Quais autores ou pessoas lhe serviram de inspiração nessa jornada acadêmica e profissional?

Prof. Dr. Roberval Teixeira e Silva

Um pesquisador, como acontece com todos os seres humanos, só exercita o seu melhor em cooperação com os outros. São muitos nomes, mas eu diria que os meus primeiros passos foram orientados por Edila Vianna da Silva e Silvia Figueiredo Brandão na minha iniciação científica na UFRJ, em um projeto do professor Celso Cunha. A partir desse primeiro despertar, fui escolhendo caminhar na direção dos estudos do discurso. E foi, também, nesses primeiros passos, que me descobri como professor, como sociolinguista e como professor-sociolinguista sensibilizado, profundamente, em relação ao espaço social. As escolhas seguintes que fui fazendo, olhando de agora, têm as suas fundações nesses pontos, porque escolhi desenvolver investigações preocupadas com comunidades altamente desconfortáveis socialmente... em estudos ligados a gênero, a surdez, a educação, a identidades,



a mobilidades humanas. A forma como as pessoas criam os contextos na interação discursiva é o grande foco do meu interesse. Então, a área da linguística aplicada e os seus autores (ou da etnografia linguística ou da sociolinguística interacional...) deram-me contexto e material para pensar.

Eu costumo gostar de pensar que as minhas aulas com os alunos, embora arranjadas por muitas forças externas a nós, são momentos de vida, são encontros entre pessoas para refletir e discutir o mundo. Pensar assim reorienta todos os princípios que, em geral, guiam nossas expectativas sobre a sala de aula: não há um dono do saber; o saber é construído pela discussão, pela experiência, pela interação; o contexto cria os sentidos... Mas isso assusta a maioria das pessoas que estão acostumadas a encontros de sala de aula em que um fala sozinho, o outro escuta e entende do jeito que pode e, também, sozinho. Essas práticas são crenças, valores, ações repetidas ao longo de tanto tempo e por pessoas consideradas referências inabaláveis que, pensar, também, de outras formas, torna-se, às vezes, um movimento recusado ou lentíssimo.

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Xiang Zhang)

Quem são seus alunos? Como é o perfil deles? Esse perfil mudou desde que você chegou a Macau? Ao que lhe parece, como esses alunos aprendem o português em Macau e na China?

Prof. Dr. Roberval Teixeira e Silva

Eu tenho vivido em Macau já por 18 anos. Como disse, os estudantes, em grande parte, são responsáveis pela minha escolha em ficar na Ásia. É sempre problemático generalizar, mas existem alguns princípios que acho que posso associar, não para todos eles, mas para um tipo espe-



cífico de aluno que ilumina e alimenta qualquer professor que gosta do que faz: curiosos, dedicados, perseverantes. Como sujeitos que lidam com diferentes comunidades culturais, os alunos refletem valores, crenças, gostos, ações, interesses, práticas dessas comunidades. E as comunidades estão sempre se reinventando. Quando cheguei, em 2005, os alunos, de certa forma, tinham interesses mais ligados a áreas como as relações internacionais, à diplomacia... e eram dirigidos para trabalhar nesses contextos. Depois, o perfil dos alunos ficou mais voltado, exclusivamente, para o trabalho, para a busca de uma profissão. Hoje, essas três tendências concorrem, mas acho também que, ao menos até antes da pandemia, um novo perfil foi surgindo: pessoas interessadas não apenas na vida profissional prática, mas na riqueza histórica, literária, artística, humana que a língua portuguesa cria no mundo. Por isso, tive a oportunidade de conviver com algumas mentes brilhantes, que viveram enormes transformações no seu processo de aprender e investigar a língua e a cultura das comunidades de língua portuguesa.

No que se refere ao espectro dos estudantes, o interesse dos alunos da China e de Macau é diferente. Enquanto os alunos da China podem ser encontrados trabalhando em todos os países de língua portuguesa, os alunos de Macau preferem dedicar-se ao mercado interno, que faz da língua portuguesa um traço ainda muito peculiar na RAEM. São intérpretes, tradutores, professores, agentes consulares... escritores (sim!) que criam, a partir das suas experiências nas licenciaturas, nos mestrados e nos doutoramentos, uma comunidade cada vez mais ampla, com interesses que vão desde o mercado de trabalho até a produção/degustação da poesia.



Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Xiang Zhang)

Qual foi o momento que mais o impressionou nesse processo do ensino do português para os chineses?

Prof. Dr. Roberval Teixeira e Silva

A minha maior impressão veio dessa amabilidade dos alunos, mas também da forma como os profissionais em Macau discursivizavam esses mesmos alunos. Eram considerados passivos, diziam até que tinham um cérebro diferente e eram avessos a qualquer prática fora daquele padrão conservador de ensino – a chamada educação bancária do Paulo Freire (FREIRE, 1974). Como estudioso de comunidades diversas e acreditando que seres humanos são sempre crias dos seus espaços, eu recusei essa visão sólida. Grande parte da minha pesquisa vem da busca de desconstruir esses estereótipos para alunos asiáticos de tradição confuciana. Escolhi o silêncio da sala de aula, por exemplo, como objeto de estudo e desenvolvi algumas pesquisas etnográficas, dando voz a alunos, professores, diretores de instituições, documentos oficiais (TEIXEIRA E SILVA, 2016). O resultado é que apareceram, nas entrevistas e aulas gravadas, sujeitos muito diferentes dos estereotipados: estudantes interessados em partilhar, conhecer, falar... No entanto, o ambiente de sala de aula é sempre muito castrador e dá muito pouco espaço – senão nenhum – para que as pessoas interajam, falem, escutem, discutam, partilhem. E acredito que esse é o processo da construção do mundo e do conhecimento.



Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Xiang Zhang)

Quais elementos acha mais importantes nas atividades pedagógicas dessa área para professores?

Prof. Dr. Roberval Teixeira e Silva

Olhar o contexto, ouvir o outro e a si mesmo, propor questões sem esperar por respostas fechadas. Abrir-se ao outro é uma postura não apenas de sala de aula, mas de vida. É na relação com o outro que todos os conhecimentos acadêmicos e de vida são elaborados. Dessa forma, atividades de sala de aula não deveriam ser pensadas como exercícios para aprender língua, mas como momentos de interação, de trocas de mútua aprendizagem. Por exemplo, no início da aprendizagem, trabalhamos com os hábitos, o foco é apresentar a diversidade humana, a diversidade de cada um. Podemos falar de pessoas que constroem a nossa comunidade, os hábitos diferentes delas, os hábitos diferentes dos estudantes e dos professores. Mas, obviamente, para isso, é preciso trabalhar um instrumento gramatical: o presente do indicativo, a construção sintática da frase. A questão é que estes últimos pontos não são o foco da aula. Uma aula não deveria ser feita para ensinar o presente do indicativo, mas para ensinar como descrever os seus hábitos em uma situação contextual específica e prática. Essa é uma grande diferença de atitude para a organização, planejamento e ações pedagógicas.

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Xiang Zhang)

Quais disciplinas leciona? Segue algum material didático? Qual é a disciplina que mais gosta de lecionar? Por quê?



Prof. Dr. Roberval Teixeira e Silva

No currículo do meu Departamento, já trabalhei com todas as disciplinas, excluindo as que demandam tradução chinês-português. O currículo das universidades, de modo geral, não prestigia áreas fundamentais para a formação de pesquisadores, como disciplinas teóricas em linguagem, literatura, estudos culturais, história e tradução. Acho que é uma grande falta. Acaba que as licenciaturas se tornam grandes cursos de aprendizagem de língua para falar, ouvir, ler e escrever (com ênfase nas duas últimas habilidades). Seja como for, as disciplinas de que mais gosto são as que explicitamente demandam uma reflexão entre língua, cultura, sociedade e interação. Nelas, a língua é aprendida carregada de sentidos.

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Xiang Zhang)

Como é o contexto, em geral, relativamente ao ensino do português em Macau e na China? O multilinguismo de Macau e as políticas linguísticas favorecem o ensino-aprendizagem do português em Macau?

Prof. Dr. Roberval Teixeira e Silva

Como já tive a oportunidade de escrever em alguns artigos (TEIXEIRA E SILVA, LIMA-HERNANDES, 2014; TEIXEIRA E SILVA, 2012), mais especificamente, sobre a pluralidade de línguas portuguesas (variedades para os sociolinguistas), há, no contexto de Macau, pessoas de todas as comunidades de língua portuguesa. Entretanto, essa riqueza toda costuma ser completamente ignorada nas escolas. E as orientações oficiais não lidam devidamente com essa questão. Por isso, os estudantes criam a ideia de que a língua portuguesa está limitada a dois ou três espaços do mundo. É empobrecedor que os currículos não tenham em conta essa diversidade. Como



o espaço de Macau é muito conservador, é difícil ter a possibilidade de discutir essa questão e promover algumas mudanças na visão de estudantes, de responsáveis pela educação, de líderes institucionais, etc. O ser humano prefere sempre o conforto de não mudar e manter tudo como conheceram. Mas o mundo muda e, nesse sentido, universidades da China, mais do que as de Macau, têm sido pioneiras em abrir espaço para colocar no currículo, o estudo regular de todos estes espaços culturais construídos em português.

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Xiang Zhang)

O número de cursos de português na China aumentou muito, atingindo mais de 50 instituições, onde se ensina a língua portuguesa. Como você vê essa expansão?

Prof. Dr. Roberval Teixeira e Silva

As relações comerciais e econômicas entre a China e os países de língua portuguesa (repare que não uso o termo lusófonos!), tem se desenvolvido de forma espantosa. E, como sabemos, o mundo gira em torno da economia. Nós, que trabalhamos com cultura, temos de aproveitar esse espaço aberto para mostrar que economia se faz a partir das interações humanas. As línguas/culturas têm um grande papel nesse contexto. Com essa expansão, a necessidade de formação de novos professores é enorme.

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Xiang Zhang)

Quais mudanças observou nas últimas duas décadas no ensino-aprendizagem do português na China?



Prof. Dr. Roberval Teixeira e Silva

Eu diria que saímos de um estado de estabelecimento do ensino de português, que adotava uma perspectiva mais conservadora de ensino, para um estado de movimentação, em que várias tendências vão aparecendo.

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Xiang Zhang)

Quais são as novas perspectivas relativas ao ensino-aprendizagem do português na China, bem como da investigação em torno desse tema?

Prof. Dr. Roberval Teixeira e Silva

Enquanto a China e as comunidades de língua portuguesa tiverem negócios, a língua portuguesa estará muito presente e, portanto, vejo um crescimento constante de perspectivas. A questão é a qualidade desse crescimento. Uma perspectiva de formação de novos quadros de talentos em português não pode ter foco apenas nas questões comerciais. Como já referi, negócios são feitos por seres humanos que, por sua vez, se organizam a partir de orientações culturais. Um ensino que foque na cultura e na sociedade será muito mais fecundo.

É muito interessante observar como a pesquisa em português caminhou de uma visão antiquada de língua e cultura, na qual imperava, por exemplo, a ultrapassada linguística/literatura contrastiva, para um outro momento no qual há grande diversidade de abordagens. São investigações em língua, ensino, literatura, tradução, estudos culturais, cobrindo diferentes contextos e temas, como as mídias sociais, as interações quotidianas, a literatura sob um ponto de vista antropológico e a clássica sala de aula, é claro! O foco dos estudantes ampliou-se também para pesquisar



todos os países, regiões e comunidades de língua portuguesa além, naturalmente, da própria China e de Macau.

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Xiang Zhang)

Em relação à nova geração de docentes, que questões têm enfrentado no tempo presente, em suas pesquisas?

Prof. Dr. Roberval Teixeira e Silva

Orientei uma pesquisa de mestrado que tinha como foco, exatamente, os jovens professores chineses de língua portuguesa. Devido à vertiginosa abertura de licenciaturas na China, muitos alunos, mal acabavam a universidade, eram contratados para serem professores. A questão era: que perspectivas eles tinham em relação à língua, ao ensino de língua e ao processo de construção de conhecimento, de aprendizagem? O trabalho revelou que, embora alguns docentes já manifestassem no seu discurso, conceitos mais contemporâneos, como, por exemplo, a ideia de que a língua é um espaço de interação, a maioria repetia o ensino conservador que tiveram e que focalizava a gramática e a tradução como estratégias mais importantes no ensino. Esses alunos, entretanto, foram sendo levados a fazer mestrado e doutoramento, e, se tinham sorte com a instituição para a qual iam, passavam a cultivar ou a namorar com novas posturas de ensino mais adequadas ao mundo contemporâneo: a língua como prática social, a relevância de levar em conta os contextos de multilinguismo, que criam a pós-modernidade, os efeitos de tudo isso para (re)pensar conceitos ultrapassados de língua e linguagem. Mas, ao redor do globo, essas posturas ainda estão também ganhando espaço e, com muita luta, vão



mudando, um pouco, as formas de os professores verem os estudantes, o ensino-aprendizagem e a própria vida.

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Xiang Zhang)

Quais desafios enfrenta atualmente o ensino-aprendizagem do português na China?

Prof. Dr. Roberval Teixeira e Silva

Acredito que o maior desafio é lidar com uma tradição de ensino ultrapassada, que tem sido, ainda, perpetuada por um conjunto de profissionais que não se atualiza ou que têm dificuldade de se abrir para o inevitável movimento da vida.

Revista Metalinguagens (Prof. Dr. Xiang Zhang)

Poderia partilhar um pouco de seus projetos futuros, em termos da sua atuação acadêmica e profissional na área do português?

Prof. Dr. Roberval Teixeira e Silva

Eu vim do Rio de Janeiro, então eu vivo um processo de mobilidade, já há bastante tempo, para diferentes espaços do mundo. Uma dessas mobilidades, que me trouxe aqui para Ásia, ampliou ainda mais o meu campo de pesquisa. Aqui tenho empreendido investigações relacionadas aos estudos identitários de gênero e identitário-diaspóricos, ao multilinguismo, às políticas linguísticas e à difusão do português no mundo.

São esses os pontos que têm me interessado mais e que motivam os meus projetos futuros. As áreas que escolhi se juntam para discutir a linguagem na construção (e na desconstrução) do mundo. O material do



meu trabalho é o português como língua transnacional e plural, em uma perspectiva que possa criar e fortalecer um sentimento fundamental de diversidade linguística e sociocultural. Espero colaborar com as pessoas em geral e com os meus e nossos estudantes de forma a que eles construam uma autoformação menos preconceituosa em relação às línguas portuguesas, em relação às línguas que eles falam e às outras que estão ao redor deles. E, claro, em relação às comunidades culturais que se constroem nessas línguas. É preciso apontar que ainda há muitas práticas sociais, institucionais, curriculares e de sala de aula que são altamente ultrapassadas e excludentes. Isso não tem ajudado muito que o mundo e as pessoas se tornem mais humanizadas e abertas às diferenças.

Para todas essas questões, de dentro e de fora da sala de aula, embora sejam contextos imbricados, a ideia é dar passos conjuntos. É preciso criar espaços, eventos, para que pessoas de todos os segmentos da sociedade possam interagir em perspectiva horizontal, sem a rigorosa hierarquia que organiza a nossa vida social. E, em termos profissionais, é importante mudar a ideia de que professores de universidade têm o privilégio da produção de conhecimento. Assim, é fundamental interferir na formação de acadêmicos de maneira a que novos profissionais não ignorem que, em todos os contextos, são produzidos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

TEIXEIRA E SILVA, Roberval. "Silence And Silencing in Classroom of Portuguese as Foreign Language in Macau: Identity And Interculturality". *In: Interface: Journal of European Languages and Literatures*. Taiwan: National Taiwan University, 2016.



TEIXEIRA E SILVA, Roberval; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. “Políticas linguísticas e Língua Portuguesa em Macau: à guisa de introdução”. *In: Signótica*, v. 26, Goiás: Universidade de Goiás, 2014.

TEIXEIRA E SILVA, R. (Org.). “Linguagem, cultura e interação: espaços simbólicos construídos em Língua Portuguesa na China e em Macau: histórias, personagens e espaços”. *In: Fragmentum*, 35, v. 1, Laboratório Corpus: Universidade Federal de Santa Maria, 2012. ISSN 1519-9894. Disponível em: (<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/fragmentum/pages/view/No%20Prelo>).

Envio: Setembro de 2023.

Aceite: Setembro de 2023.